

paixão a que haviam atingido as lutas políticas, e a de declarar livre tal atividade, regulamentando-a posteriormente, para o que se supunha ter o trono todas as condições, escolheu o segundo termo da alternativa. A liberdade constitucional era limitada, porém, com a discriminação penal para crimes, entre os quais se colocavam os de ofensa ao imperador e de propagação de idéias contrárias à ordem vigente — o que tem ocorrido repetidamente e representa grave restrição, sem a menor dúvida.

A pregação do sistema federativo, a difusão de idéias republicanas, por exemplo, eram consideradas subversivas. Elas foram impressas, entretanto, e serviram de base a processos que terminaram, em muitos casos, pela condenação e prisão de jornalistas. Cipriano Barata, por exemplo, quando em Pernambuco, e já eleito deputado à Assembléia Constituinte, pela província da Bahia, redigia a sua *Sentinela da Liberdade*, foi embarcado à força para a Corte, processo que serviu aos governantes do Recife para se desembaraçarem do terrível articulista. Trouxe, entretanto, o incansável batalhador, o jornal consigo. Não era difícil — o jornal era ele. Publicou-o na fortaleza do Brum, na ilha das Cobras, na fragata Niterói, em todas as prisões a que foi levado. Isso indicava facilidade para um preso político difundir suas idéias, pôr-se em contato com o público. Existiu essa possibilidade, e Barata explorou-a. Mas existiu também a repressão, de que ele próprio foi exemplo. E que, ao tempo de sua prisão, foi levado a extremos: o redator de *A Voz da Liberdade* foi metido na fortaleza da Laje; o do *Exaltado* foi compelido a fugir; o do *Filho da Terra*, mandado à ilha da Trindade; os da *Nova Luz* e do *Jurujuba dos Farroupilhas*, constrangidos e ameaçados de todas as formas.

A lista dos atentados pessoais contra figuras da imprensa, na época, é bem grande. Luís Augusto May, redator da *Malagueta*, sofreu duas agressões, a primeira em sua residência, a segunda na via pública, sendo ele então deputado. Evaristo da Veiga foi alvo de atentado a tiro. Clemente José de Oliveira, redator de *O Brasil Aflito*, foi assassinado a golpes de espada. Maurício José de Lafuente, pardo, escritor que manteve o pasquim a que deu o seu próprio nome, foi perseguido e deportado. O atentado coletivo contra o *Diário do Rio de Janeiro*, revide a uma posição antipopular agressiva, foi pitorescamente narrado pela *A Formiga*, ao tempo, ressaltando que, enquanto quebravam os utensílios daquele jornal, os manifestantes davam freqüentes vivas à liberdade. . . Nem faltou a perseguição oficial, o processo, a cadeia para os que se arvoravam em críticos das autoridades. Críticos quase sempre ásperos, ferozes na análise, descomedidos na linguagem, sem dúvida.